

CARTAS À CHIMAMANDA



AMANDA COSTA
HEITOR GUIMARÃES
ISADORA BERSOT
(ORG.)



Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores

Amanda Rodrigues Pinto Costa; Heitor Martins Guimarães; Isadora Eccard Bersot (Organizadores)

Cartas à Chimamanda. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 70 p.

ISBN 978-65-5869-368-0 [digital]

1. Estudos de Educação. 2. Literatura e memória. 3. Escrita e identidade.
I. Autores. II. Título

CDD – 300

Capa: Amanda Rodrigues Pinto Costa

Revisão e Edição: Amanda Rodrigues Pinto Costa; Heitor Martins Guimarães; Isadora Eccard Bersot; Marisol Barenco de Mello

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi Maia (UNESP/Bauru); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil).

“O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor”



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2021

Niterói, outono de 2021

Querida Chimamanda Ngozi Adichie,

Há anos escutei tua palestra no TED Talks, intitulada “Os perigos de uma história única”, e desde então venho trabalhando com estudantes das Licenciaturas diversas, na Universidade Federal Fluminense, que fica em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Não sei se já vieste para essas terras ou se já tomaste em estudo nossa história e cultura: somos um país erigido à força pela violência colonial, sobre povos originários que, até os dias de hoje, sofrem com a imposição da lógica invasora. Juntamente com esse massacre, esse genocídio e pilhagem de riquezas materiais e imateriais incontáveis, participaram dessa história trágica todas as populações sequestradas, escravizadas e dizimadas dos territórios da costa leste do continente africano, que também sofriam a violência colonial portuguesa. Trazidos à força, tendo suas culturas apagadas, seus corpos possuídos como propriedade material para força de trabalho dos colonos e,

posteriormente, dos proprietários das terras já chamadas brasileiras, foram séculos em que uma história única e nacional se sobrepôs às montanhas de corpos, culturas, belezas, juventudes, humanidades dos seres humanos mortos em nossas terras.

Pode até ser que já tenhas visto cartões postais com as paisagens das terras cariocas, mas não te deixes enganar, querida Chimamanda, são belezas naturais que foram solo dos massacres aqui ocorridos. O Rio de Janeiro e, onde vivo atualmente, Niterói eram e são terras originariamente habitadas por diversas etnias indígenas: tupinambás, tupiniquins, caetés, tamoios, potiguaras, temiminós, tabajaras, dentre tantos outros. Na minha cidade, uma enorme estátua homenageia um homem, indígena, chamado Arariboia. Numa guerra de tamoios contra temiminós, esse chefe indígena saiu perdendo e, mais tarde, se aliou aos portugueses na conquista da Baía de Guanabara contra os franceses. Dizem que atravessou a nado a Baía, para acender canhões. Ganhou nome português — Martim Afonso de Sousa — e as terras em que agora vivo. Cenários de luta, de sangue, genocídios e epistemicídios, aqui nessa terra brasileira, chamada originariamente, dizem os portugueses que escreveram a

história, Pindorama, terra das palmeiras. Gosto de pensar que cada etnia, que possuía sua própria língua e cultura, tinha também um nome para a terra, aliás, indissociável das formas de ser humano. Terra e povo como uma unidade indissociável.

Ao longo dos anos, tua palestra trouxe para nós palavras alheias, palavras outras, porém palavras que nos fizeram ver indiretamente as nossas próprias vidas. Falaste de nós, sem saber, Chimamanda. Cada filha e filho dessas terras colonizadas e narradas de modos outros pelos colonizadores se vê no espelho de tuas palavras e, vendo a vida através dos teus olhos, pode pensar a si e a sua história, de modo indireto, literato, amoroso. Porque tu contas tuas histórias sorrindo, nós também queremos aprender a contar as nossas dessa forma. Com um largo e gigantesco sorriso que diz da bondade originária que ainda existe em cada um e uma de nós, indestrutível apesar do massacre.

Este livro que início trata de um dos momentos em que os estudantes da UFF, das regiões vizinhas a Niterói, leram ou escutaram tua palestra e pensaram nos perigos da nossa história unificada. E, em cartas, te responderam. Nosso sonho é o de que esse livro possa chegar a ti, e

quem sabe te fazer sorrir por perceber que as forças das tuas palavras acenderam as brasas dessas forças indestrutíveis da alegria, da cultura, da amorosidade, da vida humana.

Com todo o meu amor, te agradeço por viveres no mesmo mundo que eu, trazendo a certeza de que é um excelente momento para se estar vivo, para se estar estudando, para se estar escrevendo histórias muitas e outras.

Marisol Barenco de Mello

Professora da disciplina,

Aprendiz desses autores que agora te escrevem.

Autores

Ana Letícia de Oliveira Felipe

Phelipe Pereira Marinho

Bianca Novais

Maria Clara Oliveira Ribeiro

Heitor Martins Guimarães

Andressa da Silva Correa

Maria Eduarda Bernardini

Nina Lima

Matheus Ribeiro Fernandes de Lemos

Isadora Eccard Bersot

Clayton Vieira da Silva

Natalia Marques Raffaeli

Gabriela da Cruz

Bruno Beriba de Nazareth

Isabelle Braga Gomes

Pedro Henrique Domingues Lima

Kalinda Paiva Bracht

Moisés Teles Rodrigues

Amanda Rodrigues Pinto Costa

Alberto do Nascimento Neto

Leandro Machado

Débora Nunes Marinho Santos

Beatriz Silva de Souza

Rio de Janeiro, Brasil

Março, 2021

Cara Chimamanda,

Estou escrevendo esta carta imediatamente após assistir à sua fala sobre “o perigo de uma história única”. Suas palavras me fizeram refletir sobre uma tomada arbitrária de decisão que tive ao ver a fotografia de uma menina. Partindo de nenhum outro referencial a não ser a foto dessa criança, designei a ela as minhas percepções sobre quem ela era, o que sabia e o que desejava. Esse movimento foi a expressão do que comumente fazemos a respeito de todos à nossa volta.

Ao refletir sobre o que você disse, percebi o perigo que existe em julgar o outro a partir dos meus limitados referenciais sobre o mundo, desconsiderando sua pluralidade. Como ser humano que se relaciona com as pessoas ao meu redor e como futura historiadora, fico feliz por ter entendido o perigo de uma história única, que você, com seus exemplos próprios, demonstrou.

Colocando-me como sujeito das perguntas a que respondi sobre a menina da fotografia, penso na diversidade de respostas que eu posso dar sobre mim. Que sou mulher, universitária, feminista, filha, fã de futebol e tantas outras. Que sei pouco sobre muitas coisas, mas o que desconheço é o que me move a aprender. Que desejo sonhos utópicos, como o fim da desigualdade no mundo, mas também mais realistas, como me tornar uma boa educadora que consiga fazer ao menos um estudante refletir por conta própria sobre a sociedade em que vive.

Considerando tudo o que sou e o que posso ser, por que desconsiderar aquela criança como um ser humano que também poderia ter dado inúmeras respostas sobre si própria? Por isso, agradeço a você por me fazer pensar sobre as consequências de conferir ao outro uma única resposta, contando uma única história a partir do meu referencial e não da realidade múltipla do outro.

Obrigada!

Ana Letícia de Oliveira Felipe

Niterói, Brasil

Março, 2021

Prezada Chimamanda Adichie,

É com grande prazer que lhe escrevo esta carta. Há poucos dias, recebi uma foto de uma criança negra com um olhar alegre, cabelo baixo, sorriso simples de lábios fechados, sem camisa, com uma bola na mão, encostada numa árvore. Tive a tarefa de responder a três perguntas sobre essa criança com a primeira resposta que viria em meu pensamento: Quem é ela? O que ela sabe? O que ela deseja? Respondi que era uma criança pobre de um lugar pobre do meu país (Brasil), que adorava jogar futebol e que desejava ser jogador em seu futuro.

Rapidamente, após terminar a atividade, pensei sobre minha resposta e garanti que, talvez, nada do que cogitei fosse verdade, mas aquela imagem me encaminhava a responder isso. Mais ainda, me vi respondendo como se fosse um imigrante ou turista que não conhece o Brasil, mas enxerga todo o povo brasileiro como um povo boleiro, sambista, pobre e/ou miscigenado. Percebo que

essa imagem do nosso povo não está só na cabeça do estrangeiro, mas também na minha, que vivo aqui.

Nada me foi dito sobre essa criança, mas logo usei um padrão adotado pela nossa sociedade e o trouxe para a realidade que nos mostram e que, de fato, pode não ser a verdadeira. Ela pode não ser brasileira, pode nem saber ou nem gostar de jogar futebol, nem ser pobre.

Refletimos sobre o que o nosso povo e as pessoas são, e não é possível encontrar uma única palavra que os defina, mas eu, que faço parte, já tenho uma visão formada sobre nós. Ainda de forma mais longínqua, através de fotos, filmes, livros e propagandas, são formadas e estimuladas na minha e nas nossas cabeças imagens de povos que nem conhecemos, os quais nunca vimos, que talvez nunca vejamos.

Apesar de nunca ter saído do meu país, já imagino o que encontrar em outros por causa das ideias que me foram bombardeadas. Espero que um dia possamos ver e ser vistos como uma página de um livro em branco, onde a pessoa que encontrarmos escreva lindos desenhos e palavras, nos mostrando suas experiências, sentimentos, qualidades e defeitos.

Agradeço a oportunidade e espero um dia ler a sua página em branco.

Atenciosamente,

Phelipe Pereira Marinho

Rio de Janeiro, Brasil

Março, 2021

Cara Chimamanda,

Hoje, através de sua história de vida apresentada na palestra sobre os perigos de ter-se em mente uma história única, vejo que por diversas vezes fiz um prejulgamento errôneo para com diversos pontos da minha vida.

Na vida, normalizamos realidades pessoais como se estas fossem gerais e, além disso, acreditamos saber tudo sobre todos os assuntos só por já ter ouvido falar deles. Por este mesmo motivo, erramos, julgamos e nos achamos melhores.

Por isso, hoje, com um novo olhar, entendo a importância de ouvir o outro, procurar entendê-lo e compreender sua realidade. Há muito mais por trás de uma simples primeira impressão que possamos ter. Devemos abrir-nos e estar dispostos a tudo isso. Neste novo ponto da minha vida, entendo a importância de um olhar de sensibilidade e a importância da escuta; escutar é importar-se e, além disso, escutar salva.

Obrigada pela sua história e pelas reflexões.

Com amor, Bianca

Rio de Janeiro, Brasil

Março, 2021

Cara Chimamanda Adichie,

Como você está? Eu gostei muito de sua palestra e de como sua história reforça que uma história única não condiz com a realidade vigente! Realmente, estamos tão acostumados a escutar e entender erroneamente a África como uma coisa só, que não percebemos que é um continente com países diferentes, logo, costumes, culturas e línguas diferentes. É a mesma coisa de pensar que aqui no Brasil falamos espanhol assim como a maioria dos outros países da América do Sul!

Eu me identifiquei quando você falou do preconceito que teve com Fide e de como ficou assustada com o cesto de ráfia seca feito pelo irmão dele. Isso me lembra do filme “O menino que descobriu o vento”, pois o longa-metragem reforça a pobreza e mostra como foi revolucionária a turbina eólica que o menino tinha feito para salvar a aldeia. Digo que me identifiquei, porque, quando vi a cena, exclamei: “O menino com pouco estudo

resolveu a problema da aldeia toda! Sensacional!”. Meu erro na fala, no geral, foi pensar que só o estudo promove conhecimento e resolução de problemas. Digo isso porque, se a minha fala fosse certa, uma pessoa que não sabe ler e nem escrever não compartilharia seu conhecimento e nem resolveria seus problemas e responsabilidades. Claro que, na situação do filme, o menino precisava ter uma noção de física, mas, no geral, é, sim, uma fala preconceituosa.

Outra fala de que gostei foi sobre o problema do estereótipo, que não é falso, mas incompleto. Isso esclarece muito minhas dúvidas sobre aquele pensamento de que o estereótipo está totalmente errado... Um fundo de verdade (dependendo da situação) até tem, mas não significa que seja uma verdade única daquele fato. Isso me lembra de uma imagem intrigante que vi de uma criança. Só porque ela estava com uma cara emburrada, com o rosto sujo e descabelada, eu concluí que o menino estava sofrendo com ataques de bomba no Oriente Médio. Entre estereótipos e estereótipos, né!? Por que não coloquei que a criança só tinha caído no chão durante uma brincadeira e estava emburrada por ter se machucado? Por que não coloquei também que o menino foi brincar na rua, sujou

sua roupa de sair, levando um esporro da mãe e ficando de castigo? Por isso, a cara estava emburrada! Por que tinha que ser guerra? Para reforçar que lá só tem violência e fome? Isso só mostra que nós, mesmo tentando ser menos preconceituosos, ainda somos, e muito!

Agradeço pela palestra esclarecedora e espero que possa contagiar mais pessoas com seus conhecimentos e suas histórias.

Grande beijo,

Maria Clara Oliveira Ribeiro

Niterói, Brasil

Março, 2021

Chimamanda,

Primeiro, gostaria de dizer que você é incrível e uma fonte de inspiração. Recentemente, eu fiz, para uma disciplina da faculdade, um trabalho em que tive que conjecturar sobre a vida de uma criança que não conheço, com base no julgamento que fiz de apenas uma foto dela. Receio que meu julgamento tenha sido atravessado pela narrativa única geral africana (nem sei se ela é, de fato, africana, veja bem).

Fico pensando, ao contrário, que narrativa eu criaria para uma criança com as mesmas características (feição séria, com aspecto triste, camisa e braços/mãos sujas), porém branca. Acho que, provavelmente, também criaria uma narrativa triste, mas as opções de histórias para explicar a tristeza seriam muito mais diversas. Meu aparato mental de possibilidades de história seria bem mais diversificado.

Obrigado, Chimamanda, por trazer essa reflexão importante ao mundo e por me fazer pensar e sentir isso hoje. Fico com o dever de casa de ler mais histórias sobre pessoas de lugares diferentes dos que eu normalmente visito.

...

Eu continuo pensando no que você disse. Todo dia, coisas novas me vêm. Hoje, acabei me deparando com o mapa-múndi. Foi impossível não me perguntar, lendo os nomes Tajiquistão, Quirguistão, Uzbequistão, Cazaquistão, Turcomenistão — países que me soam apenas como uma massa genérica e homogênea — como é, de fato, viver em cada um deles? Com todas as suas diferenças, uns em relação aos outros, além da pluralidade interna a cada um — quantos *Brasis* há no Brasil, quantos *Tajiquistões* há no Tajiquistão? Como são as vidas, no plural, em cada um desses lugares? O que será que estão fazendo agora, enquanto eu escrevo isto?

Foi assim, como um compilado genérico, que meu professor de Geografia do Ensino Médio definiu todos os “-istão”, sem lhes oferecer a menor sombra de algum contorno específico. Penso como seria diferente a minha percepção se pelo menos ele — uma única pessoa em

posição de ensino — tivesse tido mais cuidado ao abordá-los.

Eritreia, Burundi, Lesoto, Suazilândia, Benin, Togo, Gâmbia, Libéria. Países cujo nome eu sequer havia ouvido antes. Mesmo os países que compartilham conosco a língua: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné-Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Timor Leste — o que eu sei deles além de que foram, assim como nós, invadidos por Portugal? O que eu sei de Angola e Moçambique, cujas populações ultrapassam em número — e muito — a portuguesa, cujo país, por outro lado, me remete a vários detalhes históricos complexos e quiçá completamente irrelevantes?

Convido você — quem quer que esteja lendo —, então, a este segundo exercício: explore o mapa-múndi. Vagueie pelas regiões diversas do globo e explore as sensações que o atravessarão. Percorra cada país da África, Ásia, América, Oceania, Europa. O lugar conhecido, o incógnito, o genérico.

Mas, veja bem: o perigo da história única não está só em países (não tão) distantes. A história única está em *todo* lugar. Na *fulana* lésbica, no *sicrano* pobre. Em

qualquer rótulo que forme um estereótipo vive o perigo da história única.

Heitor

São Gonçalo, Brasil

Março, 2021

Cara Chimamanda,

Há alguns dias, tive contato com uma criança. Não sabia nada sobre ela, mas precisava descrevê-la, e assim o fiz: não sabia sua cor, mas não me parecia uma pessoa branca; tinha cabelos lisos, olhos amendoados e bijuterias de miçangas. Para falar sobre ela, eu precisava usar um parâmetro que pudesse medi-la como se eu a conhecesse, sendo assim, usei o estereótipo, usei o que conheço sobre outras culturas e lugares para supor o que eu sei sobre ela, como sua colega de quarto fez com você. O problema é que eu não conheço a história do lugar que eu supunha que ela teria vindo e, mesmo se conhecesse e tivesse todo o conhecimento sobre aquela cultura, eu jamais teria a capacidade de conhecer história por história de cada pessoa daquele lugar.

As digitais presentes no corpo humano são uma alegoria perfeita para dizer que um coletivo é feito de individualidades: as pessoas do meu país, da minha região

e até da minha família não podem dizer quem eu sou, pois, ainda que dentro de um mesmo contexto social, somos diferentes. Assim como você e o filho da funcionária da sua família vinham do mesmo lugar, mas tinham histórias diferentes.

O maior perigo da história única é que, quando estereotipamos uma parte pelo todo, relatamos sobre o coletivo, mas esquecemos da individualidade. Falar daquela criança de forma genérica me fez não falar daquela criança, assim como os livros britânicos fizeram com você, assim como sua colega de quarto fez com você, assim como tantas vezes fizeram comigo.

Obrigada por compartilhar sua história, que também não é a de muitas pessoas que vieram de onde você veio, mas é a sua.

Atenciosamente,
Andressa

Niterói, Brasil

Março, 2021

Cara Chimamanda,

Sua palestra me faz pensar no quanto nossa história é moldada de uma maneira única e que, para fazer uma desconstrução acerca disso, é preciso passar a olhar a história de maneira múltipla, pois as pessoas são múltiplas.

Como a análise que fiz por meio de um poema em que há uma menina de um povo indígena equatoriano, muitas vezes as pessoas englobam determinada população ou populações em um modo único de ser e de viver.

Quando você falou sobre o quanto as pessoas se equivocam ao colocar o continente africano em uma caixinha, como se tudo e todos que advêm da África fossem iguais, pensei que o mesmo acontece com outras culturas. Os povos indígenas, que são os que estão mais próximos da minha realidade e daquilo que vejo, são colocados todos dentro de uma caixinha como se fossem inferiores e como se não houvesse multiplicidade de culturas, pessoas e até jeitos.

Na atualidade, somos ensinados a enxergar o mundo dessa forma, no entanto precisa haver uma desconstrução. Essa desconstrução é feita quando colocamos diante da nossa vista o outro lado, e não apenas aquilo que já é impresso no inconsciente comum. Essa desconstrução iniciou-se para mim há alguns anos.

Quando eu estava no ensino médio, tinha um professor de história que trazia uma visão diferenciada da história que eu havia aprendido acerca do Brasil. Na faculdade, isso foi mais aprofundado por uma professora de literatura brasileira, que trouxe uma ideia acerca do massacre e do apagamento cultural que sofremos após a vinda dos portugueses para cá. Além de tudo, os povos europeus achavam os povos brasileiros primitivos, e essa ideia se estendeu através dos séculos.

Enquanto os povos indígenas sofrem com a inferiorização pelo mundo afora, e mesmo dentro do Brasil, o restante do povo brasileiro ficou numa berlinda em relação à visão de mundo dos povos europeus. Estes, por sua vez, acham que o mundo está aos seus pés e enxergam os brasileiros de forma estigmatizada e sexualizada, como primitivos que, apesar de toda a

tecnologia, história e política, são apenas o povo do samba e da praia.

A sua palestra me fez enxergar que, apesar de eu ainda estar sofrendo o processo de desconstrução, muitos sequer o começaram.

As pessoas dividem populações inteiras em caixinhas, como se a multiplicidade delas não tivesse importância, como se a pluralidade de uma única pessoa não existisse. Como mencionei em meu poema, os indivíduos são múltiplos, e, mesmo que uma pessoa externa tente segregar a história de um povo ou de um ser humano em caixinhas, não podemos permitir. É necessário contar nossas histórias de várias formas e mostrar o outro lado da moeda para que essa história única se desconstrua.

Sou índia, ou é assim como sou reconhecida.

Uma denominação do povo branco.

Considerada primitiva.

Não sorrio para as câmeras.

Assim como o povo branco,

Sua tecnologia apagou nossa cultura e nossas raízes.

Aprendemos a costurar roupas.

Povo branco acha feio quem não usa.

E eu te pergunto,
Por que nossos corpos e nossa pluralidade cultural
incomodam tanto?

Hoje, existe a globalização
Mas, ainda assim, nossa cultura está perdida.
Tradições que não voltam mais.
Povos que não voltam mais.
Nossos povos têm um grande conhecimento artesanal.
Mas já não são os mesmos.
As miçangas que uso?
Não são originárias do nosso povo.
As roupas que uso?
Não são originárias do nosso povo.
As penas e pinturas corporais que utilizamos?
Já se misturaram às de outros povos.

Você provavelmente se pergunta: o que mais eu poderia
querer?

“É um povo civilizado agora”
“É um povo que teve acréscimo de conhecimento”
“É um povo que cresceu culturalmente”

*Primeiramente, povos indígenas são mais que apenas um
único povo.*

Então, não se engane, pois somos múltiplos.

Segundo, sei que nunca voltará a ser como era antes.

*Mas nunca nos trate como seres inferiores, pois essa terra é
nossa.*

*Terceiro, nossa cultura está sendo desmoralizada há
séculos.*

Então, te peço, por favor, não tente nos apagar.

*Pois ainda estamos aqui, apesar de todos os esforços para
nos tirarem.*

*E tudo que eu desejo agora é uma chance de crescimento
pessoal.*

Maria Eduarda

Niterói, Brasil

Março, 2021

Chimamanda,

Assistindo ao seu vídeo, me vi reproduzindo uma velha e tendenciosa história a respeito de outra pessoa. Lembrei-me de Walter Benjamin falando da história contada pelos vencedores e me perguntei: até quando, mesmo derrotados, iremos reproduzir a narrativa daquele que nos vence todos os dias?

O que eu gostaria mesmo era de nunca mais dizer “eu”, e nisso parar de pressupor esse outro “eu” congelado, intocável, determinado em outras pessoas. Talvez a abolição do “eu” seja uma possibilidade para contar a história a contrapelo, assumindo para mim a tarefa benjaminiana.

Quando vejo a foto de uma criança com traços indígenas, imediatamente vejo aquilo que gostaria de ser e não sou; que está onde eu gostaria de estar, mas não estou; que vive como eu vislumbro, mas não como eu vivo. Eu fui criada no interior, mas não nasci fora da ordem

mundial, longe da preocupação e da formação de carreira. E todo tempo penso em escapar para longe, quem sabe até onde vive a tal criança de traços indígenas, que mencionei, que possivelmente deita agora na rede ou toma banho de rio.

Eu não gostaria de ter imposto o rio àquela criança, mas o fiz. Nem gostaria de ter feito o mesmo quanto aos seus costumes, valores, crenças, mas também o fiz. Essa constatação é terrível, pois não é a primeira vez que acontece. Acredito que aprendemos a apontar nossos dedos para as pessoas porque crescemos com dedos apontados para nós... atavicamente apontados desde nossa morte-nascimento.

Eu quis, talvez mais que a própria criança indígena se banhando no rio, ser o próprio rio, ou ainda um crocodilo que por ele viva a nadar na superfície. Por que crescemos de tal forma que não podemos nos tornar outra coisa senão aquilo a que somos encaminhados, investidos, levados? Por que temos que abrir tantas concessões? Por que há tantas limitações à alegria?

Há algum tempo, ouvi uma mulher indígena da tribo Kariyuna falando da experiência dela e de seu lugar de fala “fronteiriço”, como pessoa que vive na tribo, mas que

também está inserida na lógica da cidade e da academia. Uma indígena pesquisadora, não uma pesquisadora indígena. Como foi bom ouvi-la. Assim como foi bom ouvir você, Chimamanda. Que chama a atenção para o dedo que devemos colocar em nossas próprias feridas para nos desfazermos do nosso “eu” e, depois, ainda mais do “eu” dos outros.

Agradeço a você pela oportunidade,

N.

Niterói, Brasil

Março, 2021

Cara Chimamanda,

Agradeço o fato de você ter expressado suas ideias. Percebi melhor o mundo em que vivo. Noto que, na minha infância, fui suscetível a assimilar histórias únicas sobre pessoas negras e indígenas. Percebo que a nossa sociedade ainda é muito racista e despreza sociedades antigas. Entendo que, como professor, devo tentar expressar o mínimo possível pensamentos que podem levar um aluno a acreditar em uma história absoluta sobre o negro ou sobre qualquer pessoa.

Observei uma fotografia de um menino indígena. Constatei que tenho posturas eurocêntricas que são vinculadas aos discursos sobre esses povos brasileiros. Esses discursos você nomeia de histórias únicas. O estereótipo é muito ruim, pois não faz as pessoas perceberem a singularidade de um ser humano. A dignidade também não é analisada. Infelizmente, possuo uma tendência de valorizar as diferenças entre as pessoas.

A intolerância presente no Brasil me transmitiu essa iniciativa.

Foi importante ouvir suas palavras porque qualquer história de qualquer lugar do mundo pode ser desfrutada. Nenhum preconceito assegura a compreensão de um ser humano. Minha perspectiva sobre o menino poderia ser resultado de uma mentalidade mais curiosa e humanista sobre o outro.

Foi interessante saber que existem muitos nigerianos que desejam realizar seus sonhos profissionais. Agradeço a você por ter comentado sobre o cinema do seu país. Infelizmente, filmes africanos ainda não recebem muita atenção dos brasileiros. O acesso a essas obras poderia me ajudar a me distanciar de possíveis ideias preconceituosas que estão inseridas na linguagem e nas relações sociais do meu país. Sua perspectiva me mostrou que posso ser mais consciente.

Escolhi a foto dessa criança brasileira. Na minha mente, passou a seguinte pergunta: “o que ela deseja?”. Respondi baseado na minha ideia equivocada sobre como é a vida de uma pessoa que mora na floresta. Não observei que o menino mora em uma tribo com outras pessoas. Não pensei se ele tem um sonho. Não analisei se ele deseja

passar a vida com alguém especial. Valorizei muito a perspectiva capitalista ao pensar sobre ele. Foquei nas diferenças que tenho com ele. Foi um foco desnecessário da minha parte. Eu poderia ter sido mais atento e mais sensível.

Me perguntei quem era esse ser humano. Ao responder, valorizei a falta de moradia. Depois de ler o seu texto, pensei que poderia tentar descrever o menino de rosto pintado de outra forma. Poderia ter me perguntado se ele quer ser um artista. Poderia ter tentado entender suas motivações.

A sua palestra me ajuda a observar o meu futuro aluno de modo mais humano e menos rígido. Acredito que algumas escolas desejam que os professores ensinem de forma compulsória, descompromissada com as emoções de uma turma. Entender você me ajuda a ser um pensador mais crítico e a ter mais paciência com o que eu não compreendo. Muito obrigado, Chimamanda.

Matheus Ribeiro Fernandes de Lemos, seu leitor

São Gonçalo, Brasil

Março, 2021

Querida Chimamanda,

Há poucos anos, assisti pela primeira vez à sua brilhante palestra sobre o perigo da história única. Logo em seguida, li seu livro e, agora, assisti à palestra novamente. Você é realmente uma incrível contadora de histórias! Aqui, gostaria de compartilhar algumas ponderações que surgiram a partir dessas ocasiões.

Por mais que sejam claras as reflexões que você propõe a seus ouvintes e leitores, a verdade é que nem sempre temos facilidade para reeducar o nosso olhar — a partir da tomada de consciência — e desconstruir os estereótipos impregnados em nós.

Há poucos dias, observei atentamente a imagem de cinco crianças e, sem qualquer conhecimento prévio, precisei pensar em quem eram, quais eram seus conhecimentos e vontades. Confesso que me senti estranha. Além de provavelmente carregar uma centena de histórias únicas (e, portanto, perigosas), percebi que,

em alguns dos casos, sequer carrego *alguma* história. Tive reais dificuldades de pensar nos interesses, saberes e desejos daqueles que, ao menos aparentemente, vivem em culturas tão diferentes da minha.

Isso pode ser bom na medida em que freia, de alguma maneira, a reprodução de comportamentos preconceituosos; em contrapartida, revela um abismo: o desconhecimento de um outro dotado igualmente de capacidades, vontades e sonhos que, para mim, inexistem. Trata-se de um outro igual, mas fui incapaz de pensar, saber, cogitar algo a seu respeito (especialmente por causa do desconhecimento). Sobre as imagens das crianças *que não escolhi*, me ocorreram inúmeras “histórias únicas” — e, simultaneamente, ruins e preconceituosas.

Outros pensamentos me vieram à mente, entre eles o de que, para decidirmos algo sobre o outro, é preciso, antes de tudo, consultá-lo. Afinal, quem mais pode saber sobre si a não ser o próprio indivíduo, não é mesmo?

Sem mais delongas, obrigada pelos ensinamentos. Espero que frutifiquem.

Com admiração,
Isadora Bersot

Niterói, Brasil

Março, 2021

Prezada Chimamanda,

Neste primeiro momento, gostaria de agradecer-lhe pelas suas histórias compartilhadas em meios públicos e de forma tão inspiradora. A partir deste ponto, teço algumas palavras sobre uma de suas histórias: “O perigo de uma história única”.

É muito peculiar ouvir histórias, e até mesmo contá-las. Nem sempre a recepção está associada ao modo original que o contador teve a intenção de passar. Mas, considerando que, na maioria das vezes, também não nos preocupamos com o fato de que para toda história existem duas versões, a de quem conta e a de quem ouve, estaremos sempre cometendo o erro de decretar apenas uma versão das histórias de que participamos, construímos ou recebemos.

Realmente, se pararmos para pensar que somos resultado de uma história e que, por isso, somos interpretados de formas diferentes, ficaria mais fácil

programar nossas rotinas diárias, o exercício de rever cada história de que participamos, seja de forma ativa ou passiva.

Entendo, também, que enxergar outros pontos de uma mesma história é algo para poucos, e lhe digo mais, é para selecionados, aqueles que se permitem ser inseridos em um universo macro, sem limitações e com buscas insaciáveis. Por isso, talvez, encontremos boas histórias e apenas com uma única versão.

Daí, precisamos ser convencidos de que o mundo precisa de mais contadores de histórias, contadores que possam nos contar a mesma história mais de uma vez, e de forma diferente, para que possamos aprender a recontar as nossas próprias histórias. Precisamos enxergar o que está à frente de uma história, e não apenas o que se passou por trás dela. Bom seria entender que uma boa história não é aquela que tem apenas um final, mas, sim, a que possui mais de um final — um final para cada um que a ouve.

No início desta carta, tive a intenção de lhe contar minha história, mas percebi que ainda a estou construindo e, por isso, não seria interessante contá-la agora. Lembrei que preciso aprender a ouvir melhor as histórias que

constroem a minha e inseri-las de forma que não se tornem uma única história.

Por isso, agradeço imensamente pela oportunidade de ouvi-la. Tenha a certeza de que o meu exercício diário venho praticando, talvez não de forma regular, com algumas interferências, mas sempre aberto a ouvir novas e várias histórias.

Respeitosamente,

Clayton Vieira Da Silva
(Contador de história - Estagiário)

Niterói, Brasil
Março, 2021

Chimamanda,

Refleti muito depois que assisti à sua palestra — inclusive, achei fantástica — e logo pensei numa atividade que fiz semana passada, em que pressupus informações sobre uma criança apenas olhando para uma foto dela. É realmente bizarro e não faz nenhum sentido tentar escrever ou falar sobre o que eu acho sobre os sonhos, habilidades e competências de outra pessoa que não seja eu. Se nem eu mesma me conheço e me entendo a ponto de afirmar com absoluta certeza o que espero da minha vida e quem sou (e olha que convivo comigo mesma há 19 longos anos, 24 horas por dia), porque vira e mexe eu mudo, cresço e amadureço, então como posso esperar que eu entenda outra pessoa? Alguém que sequer conheço e nem tive contato? Mesmo se tivesse, é realmente verdade que não sei nem nunca saberei 100% sobre o que ela passa e passou, o seu contexto, a sua vivência, seus medos e anseios.

Com uma visão de fora, de terceiros, não podemos nunca apenas recortar um olhar que tivemos sobre alguém, um momento que ele passou, tomar aquilo como única e exclusiva verdade e levar para sempre.

Dizem que “a primeira impressão é a que fica” e, após assistir à sua palestra, percebo o perigo dessa frase. E se a primeira impressão que tivermos for baseada no olhar do outro? Você fala sobre o povo nigeriano e como a visão do resto do mundo é distorcida sobre o seu país. Por quê? Porque as histórias que são contadas para o mundo são fundamentadas na perspectiva de colonizadores, histórias essas que procuram sempre ressaltar posições subalternas e negam a força e a individualidade de toda uma nação, apagando milhares de outras versões que poderiam ser contadas se houvesse a oportunidade.

Agradeço imensamente por ter contado sua história e compartilhado sua experiência. Tenho certeza de que, como ocorreu comigo, seu discurso abriu os olhos de muitas outras pessoas sobre os perigos de ter uma “história única”. Como você mesma disse: Histórias importam. Muitas histórias importam.

Abraços, Natalia

Niterói, Brasil

Março, 2021

Chimamanda,

Eu também cresci ouvindo diferentes versões de histórias únicas sobre vários lugares, pessoas, povos. Ainda as ouço. Minha infância foi permeada por medos do mundo externo. Os programas jornalísticos catastróficos e de tragédia anunciada sempre fizeram parte da grade horária dos meus pais no dia a dia: Datena e suas inúmeras perseguições policiais na cidade de São Paulo, Sônia Abrão e a negociação com um sequestrador ao vivo, Linha Direta e os diversos casos de violência, e por aí vai. Pensamentos como “São Paulo deve ser muito perigoso, jamais vou querer ir pra lá”, “Não dá pra sair de casa com a violência do Rio de Janeiro, tiroteio todo dia” ou “Não saia de casa, não confie em ninguém, nem nos seus amigos” por muito tempo foram frequentes e tomaram minha rotina.

Na escola, não foi muito diferente. Aprendemos a ver uma África miserável e com uma população pobre, mas sem enxergar essa situação como uma consequência da

colonização, do roubo, do estupro de um povo por países que se diziam mais poderosos. A enxergar o sertão nordestino como uma região castigada pela falta de água, sem educação, saneamento e onde a fronteira tecnológica ainda não teria alcançado aquelas pessoas. A aprender a Amazônia como uma floresta crua, sem a conectar com os povos tradicionais que ainda vivem no seu entorno, com sua biodiversidade, com os porquês que levam à sua exploração. Sua fala sobre o poder é valiosa. Implica também as discussões sobre colonialidade. Aqueles que têm o poder se julgam superiores a ponto de quererem o domínio de outras nações. Por isso, criam narrativas de povos amargurados e castigados que precisam de alguém que olhe por eles e os resgate daquela infeliz realidade. A partir daí consegue-se extrair a dignidade e subjetividade de um coletivo ao rebaixá-los a uma única coisa ruim. Qual a nossa culpa diante de toda essa situação? Quantos discursos sobre histórias únicas ajudamos a propagar? Quantos de nós nos permitimos enxergar além do discurso dominante?

Obrigada pelo ensinamento.

“É assim que você cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que eles se tornarão.”

Gabriela

Teresópolis, Brasil

Abril, 2021

Olá, Chimamanda!

Gostaria que você visse a foto de uma menina que não sei o nome, mas a chamo de Inocência. Concordo com a necessidade de outras histórias, tantas quanto pessoas, mas como poderia contar a história de outros sem transformá-los em meus personagens? No fim, é sempre isso que se tornarão... Penso nessa menina como um resquício de um tempo onde éramos mais livres, mais felizes e inocentes, mas isso não é muito distinto da história que contamos sobre nossos povos nativos. Ainda assim, como pensar de maneira diferente? Meu ponto de vista sobre ela é uma espécie de paradoxo: ela nos convida a abandonar esse zelo que sentimos pela noção de “liberdade” que vemos em seus olhos e vivê-la verdadeiramente. Como poderia contar a história dela, se o que sinto é algo que vai além do contar histórias? Gostaria que ela pudesse falar. Minha visão se inicia nessa Inocência textual, externa, mas como prosseguir com uma

experiência textual que vá além de si mesma e aponte para além tanto do texto quanto da foto? São muitas perguntas, contar o que vemos é muito misterioso, mas necessário. O que você escreveria sobre ela?



Bruno Beriba

Niterói, Brasil

Abril, 2021

À Chimamanda.

Oi, sou a Isabelle, acabei de fazer 21 anos e estudo História na Universidade Federal Fluminense. Quero ser professora, pois entendo a potência da educação como instrumento transformador de pessoas, que, por sua vez, transformam o mundo, como já dizia o aclamado educador popular e referência Paulo Freire.

Enquanto futura historiadora, sinto na pele a incoerência de uma história única. A maior parte do que aprendi na escola, em comparação ao que vi na universidade, teve que ser reaprendida, com isso, passei a ser mais crítica com as informações que recebo para não reproduzir com os outros o que não deve ser feito com ninguém. Mas confesso que falhei e continuo falhando. Não cair na armadilha do estereótipo é difícil, fazer o movimento contrário a tudo que me ensinaram nesses 21 anos de existência é árduo.

Ao te escutar, fui puxada para uma reflexão interna e intensa, me questionei quantas vezes julguei sabendo apenas o superficial, quantas vezes tirei a dignidade de uma pessoa ao projetar um estereótipo. Você me tirou da zona de conforto e me levou ao encontro da contradição: como posso ser uma professora que reivindica uma educação emancipatória e inclusiva se carrego vários “fatos” comigo? “Nkali”, você disse, “ser maior do que o outro”. A história única possui essa lógica de dominação — é o opressor que tem a caneta na mão e, a partir disso, escreve a história com sua visão colonizadora e “salvadora”. Dessa forma, consumir, escutar, imergir, ler e consultar a história do outro, a partir da própria, nos coloca na posição de ouvintes, de telespectadores e, principalmente, de críticos, capazes de reconquistar um tipo de paraíso.

Finalizo esta carta te agradecendo pela oportunidade de te ouvir e por compartilhar esperança com o resto do mundo. Você é gigante, Chimamanda Ngozi Adichie, obrigada por existir!

Com grande admiração e respeito,
Isabelle Braga Gomes

Niterói, Brasil

Abril, 2021

Prezada Chimamanda,

Recentemente, uma professora da minha graduação em História apresentou cinco imagens com crianças das mais diversas etnias e aparentemente “pobres”, algo notável pelas roupas maltratadas, os olhares entristecidos e os rostos sujos. Evidentemente, se trata de uma leitura bastante superficial, e é sobre isso que gostaria de falar.

Nossa tarefa consistia em interpretar, imaginar a vida por trás da foto que mais impactasse, esboçando uma narrativa sobre personalidade, desejos e vivências. Logo, um menino, negro, possivelmente entre os seis e sete anos, me chamou a atenção por segurar uma bola de futebol meio rasgada e deformada, mas que ainda conservava o aspecto esférico. Aquele objeto me fez pensar em sonhos, momentos de alegria e distração, mas, ao mesmo tempo, reforçou aquela “história única”

de que, para mim, se tratava de uma vida sofrida, cuja única “saída”, talvez, estivesse associada ao esporte.

Uma semana depois, assisti à sua brilhante palestra no TED Talk. Já havia visto o vídeo em outra oportunidade, mas sem me marcar tanto como agora. Voltando ao nosso menino, eu deveria, a pedido da professora, revisitar aquela história que contei sobre ele. Assim, me questionei sobre que outras narrativas, experiências, desejos, expectativas e sentimentos ajudaram a formá-lo até a chegada da derradeira fotografia.

E se ele vivesse uma vida comunitária relativamente tranquila, apesar de algumas dificuldades de ordem material, na qual sua única “obrigação” consistisse no brincar com a bola de futebol, jogar com os amigos, fingir ser um grande “craque”? Quantos outros meninos e meninas deveriam ter naquele lugar? E as pequenas disputas do jogo; as zombarias, com dribles e jogadas que arrancam o riso e a admiração dos colegas; a insatisfação com um gol perdido ou o êxtase de uma vitória triunfante? Se olharmos de perto e pensarmos em todos os detalhes que podem compor histórias várias acerca de uma vida particular, as variáveis são múltiplas,

se torna quase impossível controlar uma narrativa única e simples sobre aquele menino. Um único objeto, uma única foto e um único olhar podem revelar histórias infinitas, mas é preciso esforço, disposição e empatia para descartar uma interpretação unívoca.

Reconhecer a inexistência de uma história única significa assumir que somos complexos, incoerentes, contraditórios, em constante mutação e, assim, deixar o lugar de superioridade construído por nossa cultura para que interpretássemos nossas vidas, elaborássemos histórias únicas.

Que suas palavras, nesse vídeo, ecoem sempre em minha cabeça, para que eu consiga sair um pouco de mim e perceber a riqueza no outro. Obrigado!

Cordialmente,
Pedro H. Lima

Niterói, Brasil

Abril, 2021

Prezada Chimamanda,

Eu procurei escrever da forma mais honesta possível, e esta é ela.

Não foi a primeira vez que assisti à sua palestra. Ela me tocou profundamente, pois, quando a vi, ainda era recente para mim a descoberta de que existia água no continente africano. Não brinco quando digo que, quando criança, todas as imagens apresentadas da África para mim eram de um grande deserto e de pessoas passando fome. Isso me despertou muita pena, pois eu não conseguia acreditar que aquelas pessoas fossem capazes de se retirar daquela situação. Gosto de chamar o que sentia de “coitadismo” — pobrezinhos, tão miseráveis...

Foi uma professora muito sagaz que apresentou à classe um vídeo que mostrava vários lugares da África, cidades enormes, paisagens exuberantes, pessoas como eu, vivendo suas vidas. Parece bobagem, mas fiquei profundamente chocada, quase como se tivessem

mentido para mim durante todo aquele tempo. Mudou radicalmente minha forma de pensar. A África ganhou identidade aos meus olhos, ela se tornou Nigéria, Marrocos, Egito, Quênia...

Foi mais ou menos por aí que descobri o Google Maps. Naveguei por vários cantos em que nunca tinha pensado que poderia ter sociedades. O mundo ficou não apenas maior, mas mais vivo para mim.

Achei, então, que havia superado o “coitadismo”, essa crença feia que vitimiza e generaliza as pessoas, que diz que os pobres homens e mulheres são incapazes e fracos perante o destino e que a única forma de serem minimamente felizes é aceitar a boa ajuda do bondoso homem branco, racional e alfabetizado, detentor da visão e da tecnologia, que não lhe ensinará a pescar, mas que providenciará migalhas para o seu sustento, num ato de generosidade que é melhor estarem preparados para agradecer.

Eu já repudiava essa imagem quando descobri que ela ainda estava em mim. Pouco depois de assistir novamente à sua palestra, achei um canal chamado *Special Books by Special Kids* (livros especiais por crianças especiais): um canal no Youtube com entrevistas com pessoas

neurodiversas e com deficiência. Descobri, então, que a história que haviam me contado sobre pessoas com deficiências físicas e mentais eram mentiras atrás de mentiras.

Essas pessoas podem não apenas trabalhar, namorar, formar famílias — elas podem ser grandes! No sentido em que qualquer ser humano pode ser grande. Elas podem não apenas viver vidas normais (se é que há algo assim), como podem fazer coisas grandiosas. Não sei como explicar o termo “grandioso” aqui, mas vou tentar.

Como educadora, uma das coisas que me é indispensável é o amor pelas pessoas. Não o amor cristão, divino, de alguém de cima para com os de baixo, muito menos um amor maternal. É um amor pela vida, pela potência que cada um representa. É impossível ter esse amor por quem você tem pena, por quem você acredita que não é capaz. Acho que posso dizer que exercer a profissão de professor é exercer um amor pela grandiosidade que há no outro. Talvez seja óbvio, mas é necessário dizer que, para amar a grandiosidade do outro, você precisa saber/acreditar que ela existe.

É novo para mim saber que há grandiosidade em pessoas com diversos tipos de deficiências. Mas,

impressionantemente, é possível se deixar transformar pelas experiências — e esse processo, creio eu, é contínuo. A vida é o que há de mais rico e imprevisível e sempre exigirá de nós as formas mais bonitas de adaptabilidade.

Kalinda Paiva

Niterói, Brasil

Abril, 2021

Prezada Chimamanda,

Venho, por meio desta carta, dizer e expressar que sua história de vida me inspirou muito e me fez olhar o próximo e a mim mesmo com outra perspectiva. Desde já, agradeço muito e espero que se sinta feliz e orgulhosa com as reflexões, análises e história de vida a seguir.

Eu me chamo Moisés, sempre gostei de ler e escrever. Desde muito pequeno, as brincadeiras que fizeram parte da minha vida, na maioria das vezes, foram direcionadas para o lado educacional.

Não tive a presença de muitos amigos por perto, e os que eu tinha raramente brincavam comigo. Então, tive que desenvolver outro meio de brincar e de sentir esse “vazio” (da presença de outro colega) sendo ocupado por algo que eu gostava de fazer: estudar!

Eu lia alguns livros didáticos e histórias infantis. Mas, não tardando, passei a gostar de ler algumas obras de

autores de literatura brasileira, livros de viagens e histórias de alguns pesquisadores.

Eu conseguia viajar juntos com eles (dentro da imaginação) e imaginar-me em diversos lugares, porém eu percebi que sabia “muito” sobre outras coisas, mas não sabia quase nada do lugar onde eu moro, da história da cidade na qual eu vivo. Isto me incomodou, e logo passei a ler sobre a história da minha cidade.

Ao ver você palestrando, eu pude perceber e entender como às vezes damos mais valor e ênfase a uma história única. Nos limitamos a saber somente sobre outros e não sobre nossas origens. Isso pode até causar um estranhamento num primeiro momento, pois a pessoa se sente mais inserida em outras informações e excluída de informações como a história de sua cidade, raça, cultura, etnia, entre outras coisas. Isso faz com que a pessoa não se enxergue em sua cultura e passe a imaginar coisas que, aos seus olhos, aparentemente são “impossíveis” de se tornarem realidade. É como se houvesse um apagamento histórico.

Com isso, podemos ver a capacidade, a influência e o alcance que a leitura tem na vida das pessoas, inclusive

das crianças, que têm uma maior desenvoltura e facilidade de imaginar.

Talvez, eu tenha sido privado, pelas circunstâncias, de viver o que geralmente outros na mesma idade vivem. Mas não culpo ninguém, pelo contrário, agradeço, pois foi permitido que eu tivesse a minha própria experiência e vivência, as quais foram completadas pelas experiências de outros. Afinal, não construímos nossas histórias de forma individual e egoísta. Assim, acredito que minha vida também tenha contribuição na vida de outros e espero que seja uma contribuição positiva.

A fotografia sobre a qual eu falei foi a 9764. Vejo que meu pensamento não foi totalmente desvinculado do que foi apresentado por você. Porém, acredito que alguns pontos colocados precisam ser revistos.

Eu disse que aquela criança da fotografia sabia o básico para sobreviver e brincar e desejava uma companhia. Acredito que eu tenha cometido um erro em querer dizer o que aquela criança sabia e do que ela precisava, pois não sabemos de fato e a fundo o que uma pessoa sabe e precisa. O conhecimento é vasto e múltiplo. Também não podemos medir se o que uma pessoa sabe é muito, pouco, nada, tudo. De forma alguma podemos

limitar e setorizar o conhecimento e a capacidade de uma pessoa. Se fizermos isso, estaremos contando uma história única da pessoa, que, muitas vezes, nem é real.

Uma das coisas interessantes que você realizou foi usar essa sua vontade e capacidade de ler e escrever para reescrever uma nova história ou mudar o percurso da já existente. Isso é algo lindo e muito válido! Cada um unindo-se ao outro naquilo que pode, gosta e sabe fazer pode contribuir para mudar as tristes realidades existentes no mundo.

O poder de transformação está nas mãos de todos, do coletivo. Sua história e experiência me motivaram e nos motivam a mudar nossos preconceitos e visões de mundo a respeito do próximo e de nós mesmos. Como você disse: “Nós podemos tirar a ênfase do sermos ‘diferentes’ e mudarmos para ‘somos semelhantes’. Não é preciso e nem necessário enfatizar as imperfeições e ‘diferenças’”.

Assim, finalizo pensando que podemos contar a história dando ênfase no que é bom, pois já temos muitas histórias que contam o lado ruim ou triste. Deixo a seguinte reflexão: podemos fazer com que nossas histórias se tornem degraus para que o próximo ou o semelhante alcance lugares mais altos, onde, se desejar,

esqueça suas dores, sofrimento e angústias. É como um machucado que deixa cicatriz: a ferida sara, porém a cicatriz fica ali, para mostrar o que um dia aconteceu. A nossa história pode fazer com que outros olhem para a cicatriz e vejam não somente uma marca da dor, da tristeza, mas o alívio pelo pior ter passado e por uma nova ou melhor história estar sendo escrita.

Através de nossas histórias, podemos passar um sentimento de esperança, na certeza de que podemos, sim, em coletivo, escrever uma história melhor neste mundo.

Agradeço por contribuir para o aumento do nosso conhecimento. Saber que existem pessoas como você nos faz acreditar que um futuro melhor pode e já começa a ser escrito por todos nós.

OBRIGADO!!!

Moisés

Niterói, Brasil

Abril, 2021

Cara Chimamanda,

Ao ouvir a sua reflexão sobre os perigos de uma história única, me peguei pensando nas diversas vezes em que fiz o papel de ouvir apenas um lado da história. Não serei hipócrita em não admitir que, de fato, isso ocorreu incontáveis vezes. Tantas e tantas, que chegou ao ponto de incomodar.

Por vezes, me vi julgando pessoas por estereótipos, pois o que fazer senão aquilo que fizeram comigo por toda a minha vida?! Como só me foi ensinado esse tipo de atitude, não havia sequer outra opção a não ser fazer o mesmo... O estalo só veio com o passar dos anos e com as vivências. O processo de me colocar no lugar do outro e pensar que, por vezes, o que doeu em mim também poderia doer no outro não foi e continua não sendo fácil.

Tem uns textinhos clichês que circulam pelas redes sociais que dizem algo do tipo: *“Pessoas feridas ferem pessoas. Pessoas curadas curam pessoas. Pessoas amadas*

amam pessoas...”. Embora clichês, essas palavras sempre me levam à seguinte reflexão: o que eu sou, além de ser projetado no outro, também influencia a percepção que eu tenho desse outro. Ora, se algo me incomoda no outro, não seria por que esse mesmo algo não está bem resolvido em mim?!

O quê? Se foi fácil chegar a essa conclusão? Não, nem um pouco. É incômoda demais.

Quando digo que tive um estalo, devo me corrigir para: “tive um despertar para um processo”. Processo esse de não julgar os estereótipos.

Se eu consigo fazer sempre? Claro que não! Eu erro muito, Chimamanda, e acredito que eu sempre vá falhar tentando acertar. Mas vejo a necessidade de ao menos tentar. E sempre tentar, pois há marcas que permanecem por muito tempo no outro sem que sequer saibamos... E isso, de alguma forma, nos deve remeter sempre a necessidade do cuidado com o outro. O cuidado de não ultrapassar certos limites com o próximo. O cuidado de não julgar estereótipos. E, principalmente, o cuidado de oferecer escuta a todos os envolvidos numa mesma história, pois, assim como você, Chimamanda, acredito que “histórias importam. Muitas histórias importam”.

Confesso que, até assistir à sua palestra, eu não a conhecia, nem ao seu trabalho. Agradeço a você por cada palavra dita, que se faz tão necessária. Deixo aqui registrada a gratidão de uma pessoa que mal a conhece, mas que já tanto a admira.

Obrigada!

Amanda

Niterói, Brasil

Abril, 2021

Cara Chimamanda,

É deveras engrandecedora a oportunidade de comentar sobre sua palestra, através de uma das minhas experiências pessoais. De fato, a história única está muito mais presente em nossas vidas do que gostaríamos.

Recentemente, ao observar a imagem de uma jovem relativamente “peculiar” — aos moldes da cultura de meu país de origem —, muitos pensamentos e julgamentos me vieram à mente de uma forma bem análoga àquela narrada pela senhorita sobre sua antiga colega de quarto. Não tendo qualquer conhecimento prévio acerca daquela retratada na imagem, apesar de talvez ter uma ou duas suposições de sua origem, todos os questionamentos feitos a mim a seu respeito foram respondidos da forma mais estereotipada possível. Afinal de contas, os estereótipos acabam prevalecendo quando a ignorância é o que domina.

Ainda não sei nada sobre a menina, seu nome, onde vive, o que faz em seu dia a dia... No entanto, sendo

sincero, não tive muito interesse em descobrir até ouvir você. Quebrar os paradigmas da história única pode ser uma experiência muito engrandecedora no âmbito pessoal, servindo como um ótimo tapa em nossos rostos, capaz de nos fazer acordar de um extremo estado de alienação e soberba. Soberba esta que os estereótipos constantemente alimentam, nos fazendo perder o interesse em nos aprofundar na individualidade alheia justamente por transmitir uma falsa sensação de compreensão daquilo fora de nosso cotidiano, além de serem fundamentais para a manutenção de estigmas mais do que problemáticos, cruéis.

Agradeço, mais uma vez, por ter tido a oportunidade de conhecer melhor seu trabalho.

Em meio a tantas outras, espero que esta carta chegue em suas mãos.

Um grande abraço de um admirador profissional,
Alberto do Nascimento Neto

Niterói, Brasil

Março, 2021

Prezada Chimamanda,

Primeiramente, gostaria de parabenizá-la pela belíssima palestra que, sem sombra de dúvidas, suscitou inúmeras reflexões não só em mim, mas em todos os que a assistiram. É difícil prosseguir com a carta, pois inúmeras reflexões vêm à mente para serem ditas. Tentarei expressar aquilo que meu coração pedir, espero que consiga ser claro.

Recentemente, realizei uma atividade em que precisava analisar uma fotografia de uma criança. Você já pode imaginar: como analisar outrem a partir de algo estático que enquadra um micromilésimo de sua vida? Eu te digo, Chimamanda, porque foi o que fiz, através do julgamento, da seleção de uma narrativa/história para aquela criança. Internamente, até a apelidei de Elano, pois ela me lembrava de fotografias que, por vezes, meu pai, cujo nome é Erlane, me mostra dele quando menino.

A partir dessa associação, eu imaginei (criei) uma história para o Elano — “Um menino da periferia que

desejava ser jogador de futebol e *feliz*”. Confesso que fiquei incomodado de ter que colocar isso, mas não podia negar ou silenciar o meu julgamento, precisava expô-lo. Eu nem conheço aquele menino que apelidei como Elano, mas eu dizia que ele queria ser feliz. Para alguém querer ser feliz, significa que seu atual estado é de infelicidade.

Cometi o mesmo erro daqueles cometidos contra você nos EUA, de atribuírem uma determinada versão para alguém, no seu caso, de ser uma nigeriana que deveria gostar de músicas tribais e de não poder criar histórias que destoassem de um estereótipo. No meu caso, de atribuir um determinado ponto de vista para o menino que intitulei como Elano. Outra coisa, por que aquele menino deveria ser pobre? Por que ele é negro? Olha que curioso, eu, um negro não empobrecido, julgando outro como necessariamente da periferia e pobre. Me lembrei muito quando você comentou que escrevia sobre neve sem nunca ter visto o fenômeno, de falar em gengibre sem nem saber o que era, ou seja, estamos colocando lentes de outrem, deixando nossa visão turva. Considerarei o menino como pobre reproduzindo o padrão socialmente vinculado: preto... pobre.

Sei que é errado, porém, enquanto seres humanos, estaremos sempre fazendo o julgamento do outro. Não estou dizendo isso para me justificar, Chimamanda, reconheço a severidade dos meus pensamentos. Menos mal que meu comentário ficou em segredo, pois “histórias podem destruir a dignidade de um povo”... Minha visão pode destruir a história daquele menino que apelidei como Elano. Quem seria aquele menino?

Espero que você esteja bem.

Abraços!

Atenciosamente,
Leandro Machado

Niterói, Brasil

Março, 2021

Querida Chimamanda,

Seu discurso é um soco no estômago. Há algum tempo, venho tentando rever as certezas que eu tinha sobre os outros. Precisei fazê-lo, pois, em um dado momento, tais certezas fundamentaram uma percepção egocêntrica do mundo e tornaram-se dores profundas, aparentemente impossíveis de alcançar, e eu temia nunca esquecer os acontecimentos que me angustiaram a ponto de temer estar quebrada para sempre. Somente quando eu saí da postura defensiva é que reconheci meus erros, meus preconceitos, e pude perceber que eu, Débora, possuía uma história única para tudo. Uma história única sobre mim, como se as outras pessoas devessem atender as minhas expectativas, como se eu fosse algum tipo de régua moral.

Não busco autocomiseração. Creio que meus acertos foram proporcionais aos meus erros, dadas as possibilidades de acertar e, mesmo que não tenham sido, não errei propositalmente. Sempre tentei fazer o que

acreditava ser o certo segundo os princípios que construí durante minha trajetória, e, sendo uma mulher jovem e pobre fazendo política, fui, sim, invisibilizada como ser humano diversas vezes. Mas eu, também, de alguma forma, invisibilizei meus adversários. Há mais no outro do que a minha ideia sobre ele, assim como há mais em mim do que a ideia que o outro tem. Aceitar que eu errei me ajudou a entender que os outros também poderiam errar. Ao fazer a escolha de parar de transformar tudo e todos em elementos secundários da minha história única, eu entendi que o diálogo pode nos trazer perdão, respeito, amizade e até amor.

Ouvir a sua fala me fez pensar que a capacidade de um olhar justo, despido de prejulgamentos e alicerçado em ideias de igualdade é um exercício. Diário. Obrigada.

Abraços,
Débora

Niterói, Brasil

Abril, 2021

Cara Chimamanda,

Tive a oportunidade de assistir à sua palestra. A partir dela, obtive um imenso aprendizado que levarei para a minha vida daqui em diante. Me recordei de um trabalho que fiz na faculdade, quando julguei sem nenhum conhecimento prévio a imagem de uma menina. Fiz uma análise apenas pela fotografia e a julguei por ouvir tanto sobre as guerras, o quanto elas fazem mal e como as crianças ficam órfãs.

A sua história com o Fide me faz refletir muito sobre como as pessoas de periferia são estereotipadas por morarem onde moram. Assim como você julgou a família dele, aqui no Brasil, as pessoas julgam os moradores de comunidade como “favelados”, sem cultura e sem intelecto suficiente. Assim, os subjugam muitas vezes, concluindo que o lugar deles não é em uma universidade. Nem todos que moram em uma periferia terão como destino ser bandidos.

Assim como eu julguei a foto da criança e você, a família do Fide, as pessoas fazem isso o tempo todo e em todas as ocasiões. Fazemos julgamentos sem ao menos nos preocupar em saber algo além da história principal. Concordo com a sua citação do poeta palestino Mourid Barghouti — todas as histórias seriam extremamente diferentes se fossem contadas por outra perspectiva. É muito perigoso cair nos estereótipos, pois inclusive indivíduos criados em um mesmo ambiente e até filhos gêmeos desenvolvem personalidades, condutas e crenças diferentes. Não podemos igualar todos por apenas uma perspectiva rasa que criamos ou que a mídia noticia.

Muito obrigada por abrir meus olhos sobre esse assunto tão importante. Eu nunca prestei atenção nisso e agora vejo como errei em não notar.

Atenciosamente,

Beatriz Souza



"CARTAS À CHIMAMANDA" É UMA COLETÂNEA DE
MISSIVAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS DE
PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO (UFF), DISCIPLINA
MINISTRADA POR MARISOL BARENCO NO SEGUNDO
SEMESTRE DE 2020.

A PARTIR DA PALESTRA DE CHIMAMANDA ADICHIE
NO TED TALKS, INTITULADA "O PERIGO DE UMA
HISTÓRIA ÚNICA", OS ESTUDANTES DEVERIAM
BUSCAR UMA COMPREENSÃO OUTRA DE SEU PRÓPRIO
OLHAR E REFLETIR SOBRE SUAS POSIÇÕES EM RELAÇÃO
ÀS INÚMERAS "HISTÓRIAS ÚNICAS" QUE CARREGAM,
DE MODO A DIALOGAR COM A AUTORA. ESTE
MATERIAL REÚNE SUAS RESPOSTAS.

